

SHIVA, Vandana. *¿Quién Alimenta Realmente al Mundo?*
El fracaso de la agricultura industrial y la promesa de la agroecología.
Trad. Amelia Pérez Villar. Madrid: Capitán Swing, 2017.

Quem alimenta realmente o mundo? O fracasso da agricultura industrial e a promessa da agroecologia e algumas considerações sobre Moçambique

DJAMILA ANDRADE*

Resumo: Esta recensão tem o objetivo de apresentar o livro da Vandana Shiva: “¿Quién Alimenta Realmente al Mundo? El fracaso de la agricultura industrial y la promesa de la agroecología” e, a partir desta leitura, tecer algumas considerações sobre a política da Revolução Verde em Moçambique. O livro traz importantes análises e dados sobre a crise alimentar em que vivemos hoje, e demonstra como o paradigma da agricultura industrial está a matar-nos e a destruir o nosso planeta. Ao mesmo tempo, Shiva oferece perspectivas e experiências práticas de erradicação da fome, da proteção do planeta e das pessoas através do paradigma da agricultura ecológica. Apresento, ao final, o exemplo de Moçambique sobre o fracasso das políticas impostas de liberalização do mercado e a controversa Revolução Verde. Por outro lado, cresce na cidade de Maputo o número de iniciativas de agricultura sustentável.

Palavras-chave: Vandana Shiva; Agroecologia; Agricultura Industrial; Agrotóxicos; Moçambique.

Who really feeds the world? The failure of agribusiness and the promise of Agroecology and some considerations from Mozambique

Abstract: This review aims to present the book by Vandana Shiva: “Who Really Feeds the World? The Failures of Agribusiness and the Promise of Agroecology” and, from this reading, make some considerations about the policy of the Green Revolution in Mozambique. The book provides important analysis and data on the food crisis in which we live today and demonstrates how the paradigm of industrial agriculture is killing us and destroying our planet. At the same time Shiva offers perspectives and practical experiences of eradicating hunger, protecting the planet and people through the paradigm of ecological agriculture. At the end, I present the example of Mozambique on the failure of the imposed policies of market liberalization and the controversial Green Revolution. On the other hand, the number of sustainable agriculture initiatives is growing in the city of Maputo.

Key words: Vandana Shiva; Agroecology; Agribusiness; Pesticides; Mozambique.



* DJAMILA ANDRADE é ativista pelo Novo-Humanismo desde 2002, em projetos de desenvolvimento social e pessoal (África – Moçambique, Costa do Marfim, América do Sul - Brasil, Argentina, Bolívia e Europa - Portugal, Espanha, França). Coordenadora e gestora de projetos voluntários orientados à Não-violência, igualdade de género, saúde sexual e reprodutiva, imprensa alternativa, espiritualidade e política. Licenciada em Engenharia de Telecomunicações no Instituto Superior de Transportes e Telecomunicações (ISUTC), Moçambique, 2007. Editora do português e tradutora para Agência Internacional de Notícias pela Paz e Não-Violência – Pressenza.



“Quem alimenta realmente o mundo? O fracasso da agricultura industrial e a promessa da agroecologia”¹ foi publicado, originalmente, na língua inglesa², em 2016, pela North Atlantic Books, em Berkeley-Califórnia, Estados Unidos da América. A edição traduzida para o espanhol saiu no ano de 2017, editado pela Captán Swing Libros, em Madri, Espanha. A autora, Vandana Shiva, nasceu na Índia em 1952, onde se licenciou em Física, e em 1978 fez a sua tese doutoral em física quântica, no Canadá. Vandana Shiva é reconhecida como uma das maiores activistas pelo meio ambiente, pela justiça económica e de género. Ela é fundadora da Navdanya, um movimento civil centrado na Terra, nas mulheres e fazendeiros nacionais para proteção da diversidade e da integridade dos recursos vivos, especialmente das sementes nativas. A Dra. Shiva é também reconhecida como figura importante no movimento antiglobalização e no movimento feminista, reconhecida a nível nacional e internacional. Mais recentemente, iniciou um movimento

¹ Tradução libre da autora – T.L.A..

internacional de mulheres que trabalham em alimentação, agricultura, patentes e biotecnologia, chamado "Mulheres Diversas pela Diversidade".

O livro, “Quem alimenta realmente o Mundo? O fracasso da agricultura industrial e a promessa da agroecologia”, é na sua essência, um questionamento de onde vem a comida com que nos alimentamos hoje e sobre a actual crise alimentar que estamos a viver. Esta crise manifesta-se, quer com os milhões de pessoas que passam fome nos dias de hoje (onde paradoxalmente metade são agricultores), quer pelos problemas de saúde pública (cancros, obesidade, diabetes e outros). Shiva questiona o modelo da agricultura industrializada dos últimos 50 anos, que se baseia em monocultivos, na utilização dos fertilizantes e pesticidas químicos, nas sementes patenteadas pelas corporações, nos organismos geneticamente modificados e no agronegócio. Em alternativa, a autora defende a agroecologia, um sistema que a humanidade tem usado nos últimos 10 mil anos, um tipo de agricultura que vê a Terra como um planeta rico e vivo que temos que cuidar, reconhece o conhecimento e saber-fazer dos pequenos agricultores, em especial as mulheres.

Para responder à questão central, “quem realmente alimenta ao mundo?”, Shiva propõe questionar primeiro, o que se define como “*alimento*” e o que se define como “*mundo*”. No paradigma dominante, o da agricultura industrializada, está na sua base a Lei da Exploração e da Dominação. Este paradigma tem a sua origem na guerra e tem no centro do seu modelo económico o capital e as corporações. Para este modelo económico, o alimento é um produto a extrair-se ou a fabricar, para comercializar e obter benefícios para as corporações, e o

² Título original: “Who Really Feeds the World?: The Failure of Agribusiness and the Promise of Agroecology.”

mundo é simplesmente um mercado global onde se vendem esses produtos, as sementes geneticamente modificadas e os agentes químicos. Mas há outro paradigma emergente, que se rege pela Lei da Devolução, em que todos os seres vivos levam e dão em iguais condições. Este paradigma da agricultura baseia-se na vida e nas suas interconexões, centra-se na Terra e nos pequenos agricultores, reconhece e potencia as sementes e solos férteis para alimentar a humanidade. Aderindo a lei da devolução, nada de desperdiça, tudo se recicla. Segundo a autora, a base da crise da alimentação que enfrentamos nos dias de hoje está no conflito destes dois paradigmas.

O livro começa com uma introdução, que resume as suas ideias essenciais, a questão dos dois paradigmas com que olhamos o mundo da alimentação, e o caminho que a autora defende, do retorno à agroecologia. O livro é constituído por 9 capítulos, em que cada um deles, vai explicando, com dados de pesquisas, comparações e exemplos vivenciados, como é construído o nosso sistema alimentar e quem realmente alimenta o mundo.

Começando pela ideia base de que “A agroecologia é que alimenta o mundo e não um paradigma de conhecimento baseado na violência”, a autora mostra que nos últimos 50 anos com a agricultura industrializada, baseado num paradigma mecanicista e reducionista, passamos a uma forma de cultivo não sustentável, com o uso e aditivos químicos, pesticidas, mais água e mais capital, que tem devastado os nossos entornos naturais e são a causa da insegurança alimentar. A autora descreve as teorias científicas e crenças que justificam o uso da agricultura industrial e como estes são baseados na violência, estando constantemente em guerra com a natureza. Enquanto que a agroecologia, um

sistema que a humanidade tem usado nos últimos 10 mil anos, que respeita os ciclos naturais e que permite uma renovação, reprodução e diversidade. É este sistema agroecológico que é a base da sustentabilidade dos sistemas agrícolas e é o que alimenta o mundo.

Vandana Shiva aprofunda a ideia de que “Um solo vivo é o que alimenta o mundo, e não os fertilizantes químicos” onde na sua base trata essencialmente da problemática dos solos e do impacto dos fertilizantes químicos. No paradigma da agricultura industrializada, os monocultivos com aditivos químicos fazem com que os solos estejam cada vez mais vulneráveis às secas, como resultado temos maior vulnerabilidade ante as mudanças climáticas, insegurança alimentar e a pobreza.

Ao ritmo do uso de fertilizantes e químicos, estamos a matar o solo e a perdê-lo a uma proporção entre 10 e 40 vezes a velocidades que se poderia recuperar por meios naturais.³ (SHIVA, 2017: 44)

Em contrapartida, a agricultura ecológica, com a lei da devolução, baseia-se na reciclagem da matéria orgânica e, portanto, devolvendo os nutrientes ao solo. A autora explica claramente que a melhor maneira de eliminar o dióxido de carbono da natureza e combater as mudanças climáticas é através da criação de solos saudáveis.

Outro aspecto importante da abordagem de Shiva, é que “As abelhas e as mariposas são quem alimentam ao mundo, e não os tóxicos e os pesticidas” onde demonstra como no paradigma industrial as pragas são vistas como um tema bélico, como algo a eliminar a todo o custo, e por isso vemos um aumento drástico do uso de pesticidas nas últimas quatro décadas. No entanto, o resultado é precisamente o contrário, as

³ T.L.A.

pragas têm aumentado porque ficam mais resistentes aos produtos químicos e as espécies benéficas e os polinizadores acabam por morrer.

As abelhas polinizam 71 dos 100 cultivos mais comuns, que representam 90% do fornecimento mundial de alimentos. [...] entre 1985 a 1997, nos EUA, o número de colônias de abelhas diminuiu 57%.⁴ (2017: 66)

O que a autora explica é que na agroecologia, as pragas controlam-se espontaneamente quando existe um equilíbrio ecológico entre os distintos componentes do sistema agrícola. Um brote de praga é um sintoma de desequilíbrio do sistema, e também há muitas plantas que oferecem um controle de pragas eficaz. Para finalizar, estes pesticidas que se encontram nos alimentos e na agricultura estão a matar-nos a todos, humanos e ao planeta. Há um claro vínculo entre as doenças epidémicas como o cancro e o emprego de pesticidas na agricultura.

É de interesse notar que a autora aprofunda a tese do livro através da discussão contida no capítulo “A biodiversidade é o que alimenta o mundo e não os monocultivos tóxicos”, onde afirma que a perda da biodiversidade na nossa alimentação deve-se ao sistema de agricultura industrializada que só fomenta o monocultivo. Shiva defende que o conceito de monocultivo da terra traduz-se também no monocultivo da mente. Ou seja, da mesma maneira que a diversidade de cultivos da terra está a ser substituída por cultivos únicos, na mente humana também se está a impor um conhecimento único, reducionista e mecanicista, num mundo com sistemas de conhecimento diversos e plurais. Em alternativa, na agroecologia, os sistemas biodiversos de cultivo mistos baseiam-se nas relações simbióticas que se

estabelecem entre o solo, a água, os animais domésticos e as plantas.

Um conceito interessante é, segundo a autora, que a produção industrial de alimentos é medida através do rendimento por acre (que ignora as perdas de nutrientes e cria a malnutrição) para benefício único do agronegócio. No paradigma da agroecologia o que se mede são os nutrientes por acre. Aumentado a saúde por acre e a biodiversidade dos nutrientes podemos garantir que todos os seres humanos tenham acesso a uma alimentação sã e nutritiva.

Um das maiores lutas que Shiva defende é que o futuro da segurança alimentar se encontra na proteção e na promoção dos pequenos agricultores, e não da agricultura industrializada e globalizada. Em “São os pequenos agricultores que alimentam o mundo e não as grandes explorações industrializadas”, deixa evidenciado como as explorações agrícolas de pequena escala demonstraram maior eficácia que o agronegócio a grande escala, que desperdiça recursos e destrói muitas formas de vida.

Com menos de 30% da terra cultivável do mundo, os pequenos agricultores obtêm 70% do alimento que se come na terra. O agronegócio, por outro extremo, utiliza uns 70% da terra disponível para produzir apenas 30% do que se come.” (2017: 105)

As agressivas práticas de apropriação das terras e as regras da globalização corporativa estão a eliminar os agricultores e as suas terras. Estes vêm-se encurralados em dívidas (pela compra de fertilizantes, pesticidas e sementes) e a exploração agrícola torna-se inviável. Os pequenos agricultores estão em crise, a maior parte deles morre de suicídio ou outra causa não natural e por isso, o número de agricultores no mundo tem diminuído.

⁴ T.L.A.

Vandana Shiva é conhecida mundialmente como a grande defensora da liberdade das sementes. Segunda ela, “A liberdade das sementes é o que alimenta ao mundo, e não a ditadura das sementes”. Ela explica que durante milhares de anos os agricultores, especialmente as mulheres, cuidaram da evolução das sementes e as semearam livremente. No último meio século, o paradigma mecanicista e reducionista estabeleceu o marco legal e económico para a privatização das sementes e do seu conhecimento. Criam novas variedades de sementes: de alto rendimento, híbridas e geneticamente modificadas, que dependem em grande medida dos fertilizantes e aditivos químicos, que têm que ser substituídas e compradas a cada temporada e impedem ao agricultor de multiplicá-las ou guardá-las. As corporações autoproclamam-se as criadoras das sementes, estas são invenção corporativa-financeira e, portanto, patenteadas/patenteáveis.

Por causa da contaminação genética, a Índia perdeu todo o algodão autóctone, pela contaminação do algodão BT da Monsanto. O México, o berço do milho, perdeu 80% das suas variedades, e isto são só dois exemplos da perda do património nacional e local das sementes.”⁵ (2016: 119)

O novo imperialismo das sementes, com o seu controlo corporativo, está a levar ao suicídio milhões de agricultores em todo o mundo. Os agricultores cuidam das sementes para que seja possível a diversidade, a resiliência, o sabor, a nutrição e a adaptação às agroecossistemas locais. Felizmente existe o movimento global para a liberdade das sementes, que defende que as sementes são um bem comum e que se proteja a biodiversidade do nosso planeta.

Um grande problema da nossa época é a globalização. A autora explica que, com a

justificação de que se precisa aumentar a produção de alimentos e tornar os preços mais baratos, a globalização e as políticas de liberalização do comércio, pressionando os governos a desmantelar as suas restrições de importação e proteção do que é local, conseguiram nos últimos vinte anos criar uma crise alimentar. No entanto, para Shiva “A localização é o que alimenta o mundo e não a globalização”. A globalização não produz alimentos, fabrica produtos de consumo, a um custo elevado e insustentável para todos. Por exemplo, 90% do milho e da soja que se cultiva no mundo se destina a fabricar biocombustíveis ou a alimentar o gado, porque é onde há maiores benefícios para as corporações.

Outro tema importante que é abordado, é o *dumping* dos produtos nos países do Sul Global. Onde os produtos subvencionados pelos países ricos, são vendidos aos países pobres a preços mais baratos artificialmente, que com as especulações financeiras acabam com os agricultores e produtores locais.

Em 1992 os agricultores indonésios produziam soja suficiente para aprovisionar todo o mercado nacional. Depois da importação da doutrina neoliberal o país abriu as suas fronteiras e permitiu a importação de alimentos e a entrada de soja dos Estados Unidos, mais barata porque era subvencionada, e inundou o mercado. Isto destruiu a produção nacional, e hoje em dia, 60% da soja que consomem a Indonésia é importada.”⁶ (2017: 140)

Dois fatores importantes característicos da globalização em que a autora se debruça: a globalização é uma das maiores causadoras das mudanças climáticas, a carga de produção industrial recai, exponencialmente, sobre os países mais pobres e a contaminação industrial

⁵ T.L.A.

⁶ T.L.A.

apresenta-se como prova de desenvolvimento. O segundo fator, é o aprofundamento no desperdício alimentar e a noção de milhas alimento, onde o alimento viaja pelo mundo até o seu consumidor, com grandes impactos ambientais e na produção local. É onde metade da comida do mundo globalizado termina no lixo, alimentos produzidos são desperdiçados para os carros andarem (biocombustíveis), ou utilizar 10Kg de grão, que poderiam destinar-se ao consumo, para produzir 1Kg de carne. Todos os aspectos da crise alimentar (a não sustentabilidade, a injustiça, o desemprego, a fome e as epidemias) estão vinculadas ao sistema da alimentação industrializado e globalizado, e eles podem resolver-se com a agricultura ecológica e um sistema de alimentação localizado.

Shiva é reconhecida no mundo ecofeminista por ser grande aliada das causas das mulheres. Ela demonstra que “As mulheres são quem alimenta o mundo e não as corporações”, e vai explicando como o conhecimento feminino da agricultura foi evoluindo ao longo dos últimos 5 mil anos, e em menos de duas décadas a agricultura industrial, com as suas raízes no paradigma científico patriarcal, especificamente, no patriarcado capitalista, está a produzir um ataque direto ao conhecimento e à vida das mulheres. Shiva explica que, sendo a maioria dos agricultores do mundo mulheres, elas produzem mais da metade do alimento do mundo. E são as mulheres, as melhores conhecedoras da biodiversidade, da nutrição e economistas que sabem como produzir mais com menos recursos.

Um conceito interessante que a autora apresenta é que as estruturas da ciência e da economia patriarcal não têm em conta nem o conhecimento nem o trabalho múltiplo das mulheres. Nesta economia baseadas nas regras do PIB e do emprego oficial, ditam que se uma pessoa consome o que

produz, não conta como produtor, inviabilizando totalmente o trabalho das mulheres agricultoras. Como todos os agricultores, as mulheres não têm empregos propriamente ditos tem uma forma de vida.

Durante milénios, as mulheres produziram o seu próprio alimento e asseguraram que os seus filhos e as suas comunidades tivessem alimentos seguros. Inclusive hoje, 80% do trabalho destinado à produção local de alimentos na África fazem as mulheres, na Ásia entre 50% a 60%, e na América Latina entre 30% e 40%.” (2017: 183)

A agricultura, tal como a exercem as mulheres, é a base da segurança dos alimentos para as comunidades. O futuro da alimentação pertence às mulheres.

Para terminar a obra, Shiva propõe-nos um caminho: “O caminho do progresso”, que através de nove passos, permitir-nos-á realizar a transição, e passar de um paradigma rígido e controlado pelas corporações, para um paradigma ecológico que busca a democracia alimentar e que se centre na Terra e nas pessoas. O modelo de agricultura baseado na diversidade, na democracia e na descentralização, que já está a contribuir para produzir 70% da comida que alimenta as pessoas, pode aumentar-se a 100%.

Já no fim, Shiva descreve a fundação Navdanya, como o resultado da mudança que defende no mundo. É o exemplo mais realista de como o que defende é possível, seja pela diversidade, pelo cultivo orgânico e pela filosofia, numa maneira de pensar e numa forma de vida que se baseia na consciência de que tudo está conectado e em relação com todos os demais.

Findos os capítulos, temos os apêndices, com quatro intervenções já previamente editadas, que tratam de: monocultivos da mente, da semente e da terra; das políticas de alimentação marcadas pelo gênero; a

ciência e política na revolução verde; e, o desenho da fome.

Vandana Shiva é uma senhora de fortes convicções e dedica a sua vida a esta causa. As suas explicações, com dados claros, argumentam facilmente a necessidade de um novo olhar sobre o nosso sistema alimentar. Esta crise alimentar, é também uma crise social em que vivemos, seja no campo da tecnologia, com os questionamentos sobre a privacidade, em que os dados das pessoas são hoje mercadoria utilizada para benefícios das corporações, seja pela crise económica e de saúde pública que temos vivido globalmente desde o surgimento da Covid-19.

A leitura desta obra é de muito fácil compreensão permitindo que o público seja qualquer pessoa, mesmo desconhecadora dos assuntos da agricultura e ecologia. Para quem tem interesse em perceber, não só sobre de onde vem o que comemos, mas também sobre como funciona este sistema globalizado em que vivemos, e como ele é manipulado pelas grandes corporações e países do Norte, que buscam unicamente os seus benefícios.

A sua principal contribuição é questionar os fundamentos do nosso sistema alimentar, perceber a dimensão e as falácias da agricultura industrializada e as políticas de liberalização do comércio, e como estas ideias e crenças são exportadas para os países do Sul, numa perspectiva distorcida de desenvolvimento.

Fazendo um paralelo com Moçambique, um país onde mais de 70% da população vive no meio rural e a produção agrária é a base económica das famílias, compreender o que Vandana Shiva descreve na obra é importante para se poder imaginar um futuro diferente e mais próspero para todos, principalmente para os agricultores. Serve como exemplo, a indústria do caju e a introdução do programa ProSavana (dentro

da estratégia da revolução verde), do fracasso das políticas de liberalização do mercado e da globalização.

Moçambique já foi um dos maiores produtores mundiais de castanha bruta e um dos maiores exportadores de amêndoa processada. Porém, na década de 90 a rápida liberalização resultou no seu colapso. Em 1995, o governo moçambicano liberalizou o sector do caju para responder a uma exigência do Banco Mundial que condicionava a concessão de novos empréstimos ao governo à essa medida (KANJI *et al*, 2004. Reduziu-se as taxas de exportação da castanha bruta, esta começou a ser exportada para a Índia e como consequência, em 1997, a maior parte das fábricas estavam encerradas. Há evidências consideráveis de que a estratégia do Banco Mundial não funcionou. Os ganhos dos produtores foram bastante mais baixos do que as expectativas, seguido pelo desemprego causado pelo colapso do sector de processamento.

Ainda hoje, apesar de tentativas de proteção e melhoria, continua a ser uma indústria débil, com pouco apoio do estado, apesar de ser um sector onde cerca de 95% da produção é feita por pequenos produtores, e tem um valor particular para a mulher, que se encontra envolvida na sua produção, processamento e comercialização.

Tal como descreve Shiva, no artigo em apêndice “Ciência e política na Revolução Verde”, sobre os acontecimentos de Punjab a finais dos anos 60, a Revolução Verde foi uma forma de controle político e social através da ciência, tentado conquistar a natureza a partir de práticas não sustentáveis e elevados custos ecológicos e, dessa forma, poder controlar as comunidades agrícolas. Com o argumento falacioso que era necessário aumentar e melhorar a produção, foi-se para o caminho da agricultura mecanizada, sementes

modificadas, pesticidas e fertilizantes químicos. Fica claro, como expõe Shiva, como a escolha propositada destas políticas são viradas para o controle social, com a estratégia de aumentar a prosperidade material e neutralizar o descontentamento dos camponeses, a fome cresce, a terra é desgastada e o empobrecimento dos camponeses atinge patamar trágico.

Esta ideia da Revolução Verde foi depois exportada também para África, onde vários países africanos unem-se ainda hoje, no chamado Fórum da Revolução Verde, para definir estratégias comuns para o aumento da produção agrária e supostamente a resolução do problema da fome. Em Moçambique foi aprovada a estratégia da Revolução Verde em 2007, com o objectivo de transformação de uma agricultura essencialmente de subsistência para uma agricultura comercial, que visa o aumento da produtividade. Esta política é parte dos programas actuais do Governo de Moçambique, no entanto, como diz Castel-Branco (2008), a Revolução Verde está sendo focada sobretudo em aspectos tecnológicos e, apesar das grandes diferenças históricas, económicas, políticas, sociais, culturais, científico-tecnológicas e ecológicas, as escolhas tecnológicas são réplicas das experiências da Índia e América Latina dos anos 1960-1970 (2008: 4-6).

Dentro de várias organizações da sociedade civil moçambicana, esta visão das políticas da Revolução Verde é criticada, seja pelos potenciais impactos dessas opções de desenvolvimento no aprofundamento da diferenciação e desigualdade social, na marginalização dos pequenos camponeses, no fortalecimento da dependência em relação às multinacionais ligadas ao *agribusiness* internacional ou na perda de oportunidades para investigar e desenvolver alternativas tecnológicas mais acessíveis, sustentáveis e mais produtivas,

esclarece Castel-Branco (2008) nas suas reflexões.

Como se tem demonstrado, e o que Shiva mais ressalta na sua luta, é que os pequenos agricultores acabam sempre por perder na Revolução Verde, ainda pior, não conseguem arcar com os custos dos fertilizantes e pesticidas necessários a grandes escalas de produção, acabam vendo as suas terras a perderem vida e ficam totalmente dependentes, e sem proteção, das variações de mercados sob os quais não tem nenhuma influência. Tal como Shiva defende focar no local, melhorar os métodos tradicionais, como os cultivos mistos, proteger a ligação dos camponeses com as suas terras, reforçar as dietas tradicionais, o economista Castel-Branco propõe para Moçambique, ao invés de replicar a Revolução Verde Agrícola, poder repensar em estratégias de desenvolvimento em torno do desenvolvimento produtivo rural.

Em relação a projectos já implementados Revolução Verde em Moçambique, mostra-se também outro exemplo do seu fracasso. Em 2007 o Governo adotou na Estratégia da Revolução Verde com o programa ProSavana, baseado em monocultivos (milho e soja) e em grandes propriedades de terra. Depois de muita luta social e dos próprios agricultores, foi terminado e considerado um fracasso, quer na usurpação das terras, na degradação dos solos e no empobrecimento dos agricultores.

Agora, em 2020, foi lançado um novo programa “Sustenta”, que se apresenta por ter uma visão mais integrada nas pequenas famílias, e especial na mulher (representam 60% dos beneficiários do projeto), e diferente do ProSavana, o Sustenta baseia-se em pequenas e médias propriedades, e mais importante para a economia nacional, a integração de parte do sector familiar nas cadeias de valor com capital nacional, na integração nos mercados e no

desenvolvimento dos camponeses (OMR, 2020). Esperamos para ver os reais benefícios para os pequenos agricultores e para a economia local.

Em relação a agricultura ecológica, no grande Maputo, embora ainda seja uma preocupação de poucos consumidores, existem algumas organizações que buscam desenvolver uma agricultura orgânica, sem fertilizantes e químicos e sustentável. A cidade de Maputo é ainda muito dependente da importação de alimentos, tanto de cereais como hortaliças, da África do Sul. Estas iniciativas, ainda que pequenas e tímidas, são respostas importantes para a alimentação sustentável e agroecológica. Maputo ainda depende de sistemas de cultivo muitas vezes baseados na monocultura de espécies de ciclo curto, além dos problemas sanitários, o uso abusivo e descontrolado de pesticidas químicos, que são responsáveis pela degradação do solo e da poluição das águas (ESSOR, 2019). Estudos pela Essor, mostram que 70% das amostras colhidas nos campos em Maputo e analisadas em 2010 apresentavam quantidades de resíduos químicos superiores às normas da União Europeia, algumas amostras tinham até pesticidas proibidos para qualquer uso agrícola, tais como o DDT.

Há ainda muito por fazer. É preciso trabalhar numa consciência de agricultura ecológica, que tanto os fertilizantes como os pesticidas estão a matar os nossos corpos e sairá caro na nossa saúde. Ao mesmo tempo, uma cultura de que o local e dos pequenos agricultores é o melhor, e não a importação do que é de fora, ainda que mais barato.

Torna-se cada vez mais urgente a edição deste livro em português, pois contribui para a percepção global do problema da agricultura industrializada, seja no Brasil, em Moçambique e em todos os outros

países falantes do português, e como esta está a destruir-nos a nós e ao nosso planeta. Ao mesmo tempo que várias iniciativas locais de agroecologia, são contribuições importantes para a produção alimentar de qualidade e sustentável, cabendo a todos nós, como produtores ou consumidores incentivar e melhorar a agricultura ecológica, consumir local e proteger os pequenos agricultores, em especial as mulheres, para salvarmos a nossa Terra e a vida humana.

Referências

- ABIODES. **Agricultura Sustentável em Maputo. Conectar, Treinar, Tornar Visível**. Maputo, 2020. Disponível em http://www.abiodes.org.mz/images/2020_08_21_faclsheet_portugl.pdf em 20 março 2021.
- CASTEL-BRANCO, C. N. Notas de Reflexão sobre a “Revolução Verde”. Contributo para um Debate. Discussion Paper n. 02/2008, **Colecção de Discussion Papers do IESE**. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos-IESE, p. 1-25, 2008
- ESSOR. **Cadeia de Hortaliças Agroecologias**. Maputo. 2019. Disponível em: <http://produtosagroecologicos.co.mz/wp-content/uploads/2019/07/2019-Manual-Cadeia-agroecologica-PORT-web.pdf> em 15 março 2021.
- MOSCA, J. **SUSTENTA: Uma Nova Luta de Libertação da Pobreza**. OMR, Maputo, 2020. Disponível em <https://omrmz.org/omrweb/wp-content/uploads/DR-95-SUSTENTA-e-ProSAVANA.pdf> em 06 abril 2021.
- SHIVA, V. **¿Quién alimenta realmente al mundo? El fracaso de la agricultura industrial y la promesa de la agroecología**. Trad. Amélia Pérez de Villar. Madrid: Capitán Swing, 2017.
- VIJFHUIZEN, C. *et al.* Liberalização, Género e Meios de Sustento: Castanha de Caju em Moçambique. **Relatório dos Workshops**, Xai Xai, Província de Gaza, Nampula, Província de Nampula, 2004. Disponível em <https://pubs.iied.org/sites/default/files/pdfs/migrate/G01074.pdf> em 17 março 2021.

Recebido em 2021-05-24
Publicado em 2021-06-01